



PENSANDO ÁFRICAS
E SUAS DIÁSPORAS
NEABI – UFOP

Pensando Áfricas e suas diásporas

www.periodicos.ufop.br/pp/index.php/pensandoafricanas

NEABI – UFOP - Mariana/MG

Vol. 02 N. 01 – nov/dez 2016

Anais do IV Seminário Pensando Áfricas e suas diásporas

À flor da pele: as inscrições da racialidade no ativismo político da Juventude Negra brasileira

Juliano Gonçalves Pereira*

Resumo: Este artigo busca analisar o trânsito da Juventude Negra, dentro dos espaços de discussão sobre temática juventude¹ no Brasil. Parto de minha experiência pessoal e empírica como ativista do Movimento Social Negro para compreensão das tensões que movimentam o desempenho das relações de gênero suscitadas nos espaços de debates e reflexão sobre acesso aos direitos para a população negra² e jovem.

Palavras-chave: Juventude Negra; Movimento Social Negro; Direitos da população negra.

Abstract: This article seeks to analyze the transit of the Black Youth, within the spaces of discussion on youth thematic in Brazil. I start from my personal and empirical experience as an activist of the Black Social Movement to understand the tensions that drive the performance of gender relations in the spaces of debate and reflection on access to rights for black and young people.

Keywords: Black Youth; Black Social Movement; Rights of the black population.

Introdução

A busca por acesso a direitos tem balizado ações que envolvem a participação política da Juventude Negra no cenário político, colocando-a como central em espaços de discussão sobre a temática juventude, em especial no que diz respeito às violências e assassinatos. A

* Mestrando em Relações Etnicorraciais do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca - CEFET/RJ. Bolsista CAPES.

¹ No Brasil há consensos por parte das agências de pesquisas e órgãos que discutem Juventude em categorizar juventude a partir da condição etária, que justifica os fins estatísticos e orienta a estruturação das políticas públicas. Nesse sentido, Juventude é entendida como segmento entre 15 e 29 anos (CONUVE, 2010).

² Utiliza-se preferencialmente os termos negro ou negra para designar o conjunto de indivíduos pretos e pardos segundo a classificação racial adotada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O termo “Negro” seguirá o entendimento de Cuti (2010) quando revela que “esta diz do pronto, sobre o fenótipo: pele escura, cabelo crespo, nariz largo, e lábios carnudos e história social” (CUTI, 2010, p. 4).

Juventude Negra, se destacada como um ator político, é foco de olhares críticos onde é possível diagnosticar a reprodução de tradições machistas e sexistas.

A busca por igualdade racial soma-se a outras forças que pretendem construir uma sociedade democrática e igualitária, exemplo percebido na luta pela igualdade de gênero. Importa destacar que, embora as duas pautas por hora andem juntas e busquem construir uma sociedade igualitária, em grande maioria das vezes a superficialidade no tratamento das demandas e projetos políticos de mulheres negras jovens revela que outras posturas e diálogos são fundamentais para que o objetivo de uma sociedade justa e igualitária no tratamento de pessoas seja alcançado.

Juventude e o contexto do século XXI

Quando refletimos sobre juventude, importa destacá-la como uma categoria concebida dentro de uma construção social, histórica, cultural e relacional. Essa pode ser compreendida como uma condição social e, também, como um tipo de representação (Peralva, 1997; Dayrell, 2003). Nessa perspectiva em construção, se reforça a necessidade de enquadramentos histórico-sociais na análise dos processos experimentados pelos jovens, sobre as condições de vida e os espaços simbólicos assumidos pela juventude em cada sociedade (Abad, 2002).

O pesquisador Machado Pais (1999) escreve sobre a construção sociológica da juventude e chama atenção aos paradoxos deste segmento, pontuando que

tem começado a generalizar-se uma «consciência sociológica» que toma a juventude — categoria da linguagem comum, de intervenção administrativa, do discurso político — como um *mauvais objet*: objecto «pré- -construído» que importa «destruir» para eventualmente o «reconstruir». Quer isto dizer que a teoria sociológica se vê cada vez mais confrontada com a necessidade de estabelecer rupturas com as representações correntes da juventude, isto é, de estabelecer rupturas com a *doxa* dominante, tentando, em contrapartida, desenvolver, em relação à realidade socialmente construída que é a *juventude*, outra *doxa* mais firme que a espontânea, sem que hesite —é mesmo uma necessidade— em tornar-se *paradoxa* (PAES, 1999, p. 1).

Ainda reforça o autor que a emergência das teorias científicas é sempre de natureza paradoxal. E, como as teorias, também os conceitos são paradoxos, até no sentido em que se multiplicam para cobrirem aparentes unidades da realidade, como afinal, acontece como veremos, com o conceito de juventude - que começa a ser uma categoria socialmente manipulada e manipulável. A partir destes referenciais teóricos é importante considerar as

palavras de Sacramento (2011), ao afirmar que as expectativas sociais em relação aos jovens são compatíveis com o que as sociedades adotam como valor em seu tempo e contexto.

Nestes primeiros anos do século XXI as transformações sociais, econômicas, políticas e culturais possibilitam outras percepções tencionadas pelas rápidas mudanças que o mundo contemporâneo sofre diariamente, fato este que se amplifica em segmentos específicos como no da juventude.

A ginástica necessária para proximidade à compreensão das diversas realidades que envolvem a juventude no Brasil, embora reconhecendo algum nível de consenso sobre a idade, consagra-se, neste período, na abordagem que reconhece a existência de diferentes maneiras de se viver a juventude (Carrano, 2000; Abramo, 2003, Sacramento, 2011).

A noção que temos sobre juventude é, portanto, variável e apresenta incontáveis sentidos, tempos de duração, conteúdos, significados múltiplos, que se modificam no interior dos grupos sociais de uma mesma sociedade, bem como, em relação às demais sociedades. Amplia-se, com isso, a compreensão sobre esta etapa da vida no que tangencia seu aspecto universal – do ponto de vista dos aspectos físicos e psicológicos – e, também, particular - na diversidade de condição social, sexual, de gênero, de cor/raça, de valores, de localização geográfica, de classe social, de grupo étnico, local de moradia, cotidianos e projetos futuros (SACRAMENTO, 2011, p 3).

Burdieu (1980) pontua que a juventude começa por ser uma categoria socialmente manipulada e manipulável. Revela que o fato de se falar dos jovens como uma unidade social, um grupo dotado de interesses comuns e de se referirem esses interesses a uma faixa de idades constitui, já de si, uma evidente manipulação.

É interessante percepção de Machado Pais (1990), quando reflete que na

...verdade, nas representações correntes da juventude, os jovens são tomados como fazendo parte de uma cultura juvenil «unitária». No entanto, a questão central que se coloca à sociologia da juventude é a de explorar não apenas as possíveis ou relativas *similaridades* entre jovens ou grupos sociais de jovens (em termos de situações, expectativas, aspirações, consumos culturais, por exemplo), mas também - e principalmente - as *diferenças sociais* que entre eles existem (PAIS, 1990, p. 140).

A proposta apresentada por Carrano (2000), Barbero (1998) e Ferréz (2003) também são formas de se analisar a juventude, revelando importantes associações que precisam ser amadurecidas para que se consiga compreender juventude para além de um período de transição e uma faixa etária.

A juventude associa-se às potencialidades de construção de uma sociedade melhor, apesar de muitas vezes ser vista como problema pelos elevados índices de infrações cometidas por jovens; a abordagem da juventude por meio de perspectivas possibilitadoras nos leva à constatação de que os jovens elaboram saídas criativas para a superação dos problemas que os afligem (CARRANO 2000, p. 132).

São variadas as sobrecargas que recaem sobre os jovens, a depender do contexto em que se inserem e dos tipos de manifestações identitárias produzidas, como no sentido empregado por Castells (2001): sentidos e expectativas de manutenção ou renovação social que os situam como *atores-chave* nos grupos sociais. Carrano (2010) sugere que, sendo a juventude uma fase marcada pela busca de construção de seus próprios acervos e identidades culturais e de maior autonomia frente às instituições do “mundo adulto”, as modificações estruturais ocorridas na relação entre jovens e adultos e no interior dos grupos de socialização têm contribuído para a produção de sentidos próprios e variados nas biografias dos jovens.

Machado Pais (1990) ainda pontua que, ao buscamos perscrutar as ações da juventude, na sociedade o adulto é visto como responsável, pois que responde a um conjunto determinado de responsabilidades: de tipo ocupacional (trabalho fixo e remunerado); conjugal ou familiar (encargos com filhos, por exemplo) ou habitacional (despesas de habitação e provisionamento). A partir do momento que os jovens vão contraindo estas responsabilidades, vão adquirindo o estatuto de adultos. É apropriado pensar nos impactos do racismo institucional que reforça essa visão “problema” para a juventude quando o assunto são as prioridades da Juventude Negra.

O alcance da compreensão que Abramo (1997) chama atenção ao identificar as prioridades estabelecidas no Brasil sobre a juventude e seus possíveis interlocutores junto ao Estado. Pontua a autora que

...os grupos juvenis que atuam na esfera do comportamento e da cultura não têm sido considerados como possíveis interlocutores pelos atores políticos, salvo raras exceções (entre elas assume destaque o movimento negro), seja por se apresentarem como muito difusos e com baixo grau de formalização, seja por levantarem questões não consideradas pertinentes para as agendas políticas em pauta. Os partidos, principalmente os de esquerda, colam-se então, exclusivamente e de um modo sufocante, às entidades estudantis, mas sem conseguir apostar, ao mesmo tempo, em sua capacidade de representação e mobilização (ABRAMO, 1997, p. 27-28).

Pedro Carrano (2000) afirma que a referência dada aos/as jovens, em nossos dias, “precisa levar em consideração a heterogênea realidade das sociedades complexas” (p. 14-15). Afirma que o olhar depositado a determinados seguimentos juvenis faz dos/as agentes sociais aqui tratados capazes de assimilar sua posição em meio à realidade dinâmica e complexa da sociedade, (re)formular estratégias/outras de participação, organização e, em especial,

[37/44]

resistência para suas incidências políticas. Isso possibilita ainda pensarmos nas peculiaridades desse segmento quando separados em categorias e identidades que possibilitam melhor perscrutar o tema.

Pais (1990) ressalta que é necessário cuidado para não cometer equívocos ao se pensar juventude. Pontua que a própria sociologia da juventude tem vacilado, estruturando duas tendências:

a) Numa delas, a juventude é tomada como um conjunto social cujo principal atributo é o de ser constituído por indivíduos pertencentes a uma dada «fase da vida», prevalecendo a busca dos aspectos mais uniformes e homogêneos que caracterizariam essa fase da vida - aspectos que fariam parte de uma «cultura juvenil», específica, portanto, de um geração definida em termos etários;

b) Noutra tendência, contudo, a juventude é tomada como um conjunto social necessariamente diversificado, perfilando-se diferentes culturas juvenis, em função de diferentes pertenças de classe, diferentes situações económicas, diferentes parcelas de poder, diferentes interesses, diferentes oportunidades ocupacionais, etc. Nestoutro sentido, seria, de facto, um abuso de linguagem subsumir sob o mesmo conceito de *juventude* universos sociais que não têm entre si praticamente nada de comum (PAIS, 1990, p. 140).

A compreensão das reflexões apresentadas por estes autores ajuda a pensar a juventude como sujeito político; possibilita a radicalização da temática e a compreensão das ações deste segmento junto ao Estado em busca de inclusão social e garantia do acesso aos direitos constitucionais. O professor Camarano (2004, p. 131) lembra que a juventude, categoria sociológica, é frequentemente associada à possibilidade de inovação e construção de um futuro renovado, onde os problemas pelos quais estaríamos passando seriam equacionados pelos jovens-futuros-adultos.

O pensar a juventude como possibilidade de futuro incorre no risco de limitamos a visão sobre as criações da juventude que a qualificam ser reconhecidas potencialmente como agentes concretos das mudanças do presente. A Juventude Negra, ao se colocar nos espaços de debate e estruturação de políticas públicas, busca o reconhecimento por parte das agências e órgãos como promotora de ações que contribuem para o desenvolvimento contemporâneo do país.

Abramo (1997) ressalta que, com relação às políticas públicas

...é necessário notar que, no Brasil, diferentemente de outros países, nunca existiu uma tradição de políticas especificamente destinadas aos jovens, como alvo diferenciado das crianças, para além da educação formal. Na Europa e Estados Unidos a formulação de políticas para jovens e a designação de instituições governamentais responsáveis por sua implementação têm se desenvolvido ao longo do século; nos países de língua espanhola da América Latina, esse fenômeno, de modo geral, ganha significação a partir dos anos 80, principalmente estimulado por organismos como a CEPAL, ONU e o governo da Espanha, gerando algumas iniciativas de cooperação regional e Ibero-americana, com intercâmbio de informações e experiências, promoção de capacitação técnica, de encontros para realização de diagnósticos e discussão de políticas (ABRAMO, 1997, p. 25-26).

Ainda Abramo (1997), ao relatar sobre como a temática juventude é abordada no Brasil, ressalta que

... na academia, depois de anos de quase total ausência, os jovens voltam a ser tema de investigação e reflexão, principalmente através de dissertações de mestrado e teses de doutorado — no entanto, a maior parte da reflexão é ainda destinada a discutir os sistemas e instituições presentes nas vidas dos jovens (notadamente as instituições escolares, ou a família, ou ainda os sistemas jurídicos e penais, no caso de adolescentes em situação “anormal” ou de risco), ou mesmo as estruturas sociais que conformam situações “problemáticas” para os jovens, poucas delas enfocando o modo como os próprios jovens vivem e elaboram essas situações. Só recentemente tem ganhado certo volume o número de estudos voltados para a consideração dos próprios jovens e suas experiências, suas percepções, formas de sociabilidade e atuação (ABRAMO, 1997, p. 25).

Após verificarmos um pouco das reflexões já realizadas sobre juventudes, importa considerar “juventudes” no plural, como ressalta Bourdieu (1983). Consideramos relevante o significado de atentar-nos ao “erro de pensarmos em jovens como estes fossem uma unidade social, um grupo constituído, dotado de interesses comuns, ressaltando a não existência de *uma única* juventude, mas multiplicidade delas” (p. 17).

Ao voltarmos nossos olhos para a Juventude Negra, importa também considerar esses com “Juventudes Negras” no plural, pois também, essa categoria analisada abriga múltiplas juventudes, tal quais as diversidades que abrange a temática juventude. O interseccionalidade de raça, classe, gênero e juventude são fundamentais, nesse sentido, para se observar as diferenças existentes entre personagens de uma categoria. Se a juventude é uma categoria social que tem seus direitos sociais ameaçados pela cultura; se impõe estigmas pela sua condição juvenil, à Juventude Negra se agrega a sua condição racial. À mulher negra jovem, pela sua condição juvenil, racial e de gênero ainda recai a dimensão de classe.

Ao segmentar a juventude em juventudes é possível dirigir um olhar sobre a Juventude Negra que contemple sua diversidade, o que é mais adequado à situação real. Assim é possível se esquivar da agregação arbitrária por idade, a qual não resume as identificações possíveis num conjunto determinado de homens e mulheres que se reúnem num universo de pesquisa, e permite perceber experiências geracionais em comum (NOVAES, 1998, p.8).

Nessa perspectiva, pode-se dizer que para garantirmos que a juventude, em especial a Juventude Negra, tenha seu espaço na sociedade, é necessário estar diante desta mesma geração de sujeitos, que em alguma medida vivenciam seus espaços-tempos e sensibilidades comuns, para identificar seus saberes, memórias, experiências históricas e culturais. Daí é possível retirar um retrato conciso de suas necessidades e suas proposições

para melhoria de sua nação. Nessa dimensão importa observar as micro-relações e, nessas, a de gênero, que agrega outras dimensões em relação a garantia ou não do acesso aos direitos.

Percebendo os desafios que ainda recaem sobre a compreensão conceitual da temática juventude e compreendendo os limites e potencialidades nesse artigo, pretendemos focar nossas atenções nas mulheres jovens negras que, nessa arquitetura social, parecem mais à margem, quando pensamos na atenção e respostas aos projetos e demandas políticas retiradas em espaços de ativismo e luta por equidade social.

As ações direcionadas às Juventudes Negras geralmente são instigadas pelos agravantes sociais, como aumento da violência e de mortes evitáveis, ainda realidades que envolvem este segmento. Porém o elevado número de homicídios que afeta diretamente aos homens se tornam menores às muitas violências e também mortes que afetam as mulheres negras jovens. É importante considerar que é preciso tirar as Juventudes Negras do lugar de vítima e incluí-las como cidadãs, pensá-las como parte do processo de desenvolvimento, como parte da construção da democracia, da riqueza do mundo, para assim conseguir alcançar uma sociedade justa e equânime que ambos movimentos por direitos objetivam construir.

Brasil: pior país do mundo para um jovem negro viver

O estudo de Waiselfisz (2011) na pesquisa *Mapa da Violência 2011: os Jovens do Brasil* revela que do total da população, o número de vítimas de homicídios diminuiu em 22,3%, entre 2002 e 2008. Os fatores que podem ter contribuído para a redução são muitos, como: políticas de desarmamento, planos e recursos federais e estratégias de enfrentamento de algumas unidades federativas. Entretanto o estudo revela que entre os negros - pretos e pardos -, o percentual de vítimas de homicídio cresceu em 20,2%, neste período. Em 2002, foram vítimas de homicídios, proporcionalmente, 45,6% mais negros do que brancos. Em 2005, pelo mesmo motivo, morreram 80,7% mais negros que brancos e, em 2008, morreram 111,2% mais negros que brancos - situação que é traduzida em todo o país com raras exceções.

O mesmo estudo atualizado na pesquisa *Mapa da Violência 2012: crianças e adolescentes do Brasil* revela que, se por um lado os números de homicídios estagnaram nos últimos anos, continuam crescentes em grupos determinados, e as taxas ainda são altas. O cenário não é favorável às Juventudes Negras. Nota-se que esse tipo de violência aumentou em áreas de menor densidade e peso demográfico - conhecidas como regiões pacíficas. É

possível verificar o número total de homicídios de 13.910, de 1980, para 49.932, em 2010. O aumento foi de 259%.

Em 2010, morreram no Brasil 49.932 pessoas vítimas de homicídio, ou seja, 26,2 a cada 100 mil habitantes. 70,6% das vítimas eram negras. Em 2010, 26.854 jovens entre 15 e 29 foram vítimas de homicídio, ou seja, 53,5% do total; 74,6% dos jovens assassinados eram negros e 91,3% das vítimas de homicídio eram do sexo masculino. Já as vítimas jovens (ente 15 e 29 anos) correspondem a 53% do total e a diferença entre jovens brancos e negros salta de 4.807 para 12.190 homicídios, entre 2000 e 2009 (DATASUS/MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2012).

Os números de homicídios no Brasil (192.804) revelam uma cultura de violência que supera a somatória de pessoas mortas por homicídios em países em conflito armado (157.332), como Israel/Territórios Palestinos, Iraque, Afeganistão, Colômbia, Paquistão, Índia, Somália, Sudão entre 2004 a 2007 (DATASUS/MINISTÉRIO DA SAÚDE E DO MAPA DA VIOLÊNCIA 2012, p. 22). Essa mortalidade acentua em jovens negros homens, moradores de periferia.

Nos últimos 30 anos, o Brasil já ultrapassou um milhão de vítimas de homicídio. “Vemos que a média anual de mortes por homicídio no País supera, e em casos de forma avassaladora, o número de vítimas em muitos e conhecidos enfrentamentos armados no mundo” (MAPA DA VIOLÊNCIA 2012, p. 22). Afirma Waiselfisz (2012) que “a gente não consegue ver a concreticidade dos fatos. Em 30 anos, está o número total de mortos igual a uma cidade inteira morta com uma bomba atômica, por exemplo. No Brasil, um País sem conflitos políticos, nem étnicos e religiosos, nem de fronteira, mataram mais gente do que esses países em conflito, em guerra, ou em guerrilha”. Importa identificarmos que juventude aparece como central nestes números de homicídios nestes 30 anos.

O estudo possibilita a interpretação dos índices de vitimização por homicídio pela análise comparado por raça/cor. É possível notar que apenas no Paraná se matam mais pessoas brancas do que negras. Em todos os outros Estados, negros morrem mais do que brancos. Na Paraíba, o percentual para cada branco morto, é de 17 negros. Responde a pesquisa que a morte do branco é um crime mais visível. Negros mortos em bairros mais afastados não repercutem tanta mídia. No ano de 2010, revela o estudo, ocorreram no Brasil 50 mil assassinatos, com um ritmo de 137 homicídios diários e o público majoritário é a Juventude Negra.

Waiselfisz (2012) chama atenção também neste estudo ao crescente número de vítimas por homicídios entre as mulheres jovens negras. O Anexo I do Mapa da Violência (2012) revela que a vitimização de mulheres concentra-se na faixa dos 15 aos 29 anos de idade, com preponderância para o intervalo de 20 a 29 anos, que é o que mais cresceu na década analisada. Pontua que em todas as faixas etárias, o local de residência da mulher é o que decididamente prepondera nas situações de violência, com maior incidência até os 10 anos de idade, e a partir dos 40 anos da mulher. Ressalta que 68,8% dos incidentes acontecem na residência - o que já permite entender que é no âmbito doméstico onde se gera a maior parte das situações de violência experimentadas pelas mulheres. No sexo masculino, a residência, apesar de também ser um índice elevado, representa 46% dos atendimentos.

O alto número de morte é contabilizado em certa medida pelas tensões de polícias e traficantes no combate ao tráfico de drogas. Essa tensão ainda é o grande motor das lutas pelo direito das juventudes negras. Entretanto, chama atenção deste estudo, o que é reforçado no campo das masculinidades faz com que a violência – pano de fundo destas tensões -, venha sendo afetada em ambas as partes dos pólos desta tensão.

A busca por um ponto de confluência entre o que é direito e o que de fato se pode ser acessado como direito no Brasil, considerando as variadas relações que possibilitam ou não o acesso aos direitos, em especial a dimensão de gênero, deixa-se ainda uma interrogação para parte significativa da população brasileira. As novas formas de controle social, bem como as inovadoras posturas, precisam se desafiar a vencer as tradições que silenciosamente se rearticulam no Brasil, como o machismo e o patriarcalismo.

Os caminhos importantes para garantir o acesso aos direitos que se apresentam como fundamentais à dignidade humana perpassam, a meu ver, por novas masculinidades. A existência de uma cultura de violência que tem atingido sobremaneira aos jovens no Brasil fortalece posturas e padrões que reverberam orientações patriarcais e machistas que precisam ser problematizadas. As transformações ocorridas nos últimos anos deste século, em especial no que diz respeito à busca por direitos negligenciados, tem sido palco de efetivas e significativas transformações, na maneira que grupos negros/as jovens, estão se organizando e se comportando na sociedade brasileira.

Os novos arranjos sociais que se estruturam em torno de uma dinâmica de participação mais efetiva, a fim de garantir os direitos constitucionais, também influenciam a ampliação da democracia e o exercício da prática do *accountability* societal, não permitindo que esta se esgote no ativismo político. Estas transformações trazem para o centro das

[42/44]

relações sociais a somatória de forças de grupos organizados em torno de temáticas específicas, que têm o ideal democrático em comum. O fôlego destas novas agremiações não pode perder o foco de também se excitarem para novas masculinidades no Brasil contemporâneo.

Considerações Finais

As idiossincrasias das Juventudes Negras no Brasil determinam as diversas dimensões de vulnerabilidades dessa heterogênea categoria social. Este segmento tem buscado a garantia de direitos, em especial o direito à vida. Porém, importa considerar as dimensões que tornam o acesso a garantia deste um fato no país. O gênero indubitavelmente é algo que precisa ser compreendido e ser tratado na dimensão que suas demandas exigem.

A interseccionalidade de raça, classe, gênero e juventude para identificar o lugar social das mulheres negras jovens e suas múltiplas agendas é fundamental para um diagnóstico preciso e próximo da realidade deste segmento e para ações que garantam a equidade necessária para inclusão social dessa juventude na sociedade brasileira.

Referências Bibliográficas

BOURDIEU, Pierre. A juventude é apenas uma palavra. In: _____. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

_____. *Questions de Sociologie*, Éditions de Minuit, Paris, 1980, p. 145.

CARRANO, P. C. R. Juventudes: as identidades são múltiplas. *Movimento*, Revista da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense, Niterói, n. 1, p. 11-26, maio 2000.

_____. *Habitar a Escola e suas margens: Geografias plurais em confronto*. Texto apresentado no II Colóquio Luso-Brasileiro de Sociologia da Educação. Portugal: Escola de Educação de Porto Alegre, setembro, 2010.

CAMARANO, Ana Amélia; MELLO, Juliana Leitão e KANSO, Solange. *Semelhanças e Diferenças nas Trajetórias ao longo do ciclo da vida por regiões e cor/etnia*. In CAMARANO, Amélia (org.). *Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição?* Rio de Janeiro: Ipea, 2006.

CRENSHAW, Kimberle. *Documento para o Encontro de Especialista em Aspectos da Discriminação Racial relativos ao Gênero*. Estudos Feministas, 171. 1/2002.

CUTI, Luiz da Silva. *Quem tem medo da palavra negro*. Maza Edições. 2010. In: Revista Matriz. Caixa Preta, Porto Alegre/RS.

DAYRELL, Juarez. T.. *O jovem como sujeito social*. Revista Brasileira de Educação, Campinas, Anped, n. 24, p.40-52, set/out/nov/dez, 2003.

MUNANGA, Kabengele. *Uma abordagem Conceitual das Noções de Raça, Racismo, Identidade e Etnia*. Palestra proferida no 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação. PENESB-RJ, 05 nov. 2003. p. 27. In: COSTA, D.M., OSÓRIO, A.B. & SILVA, A. de O. *Gênero e Raça no Orçamento Municipal: um guia para fazer a diferença*, vol. I, Orientações Básicas, IBAM/DES, Rio de Janeiro, 2006

PAIS, José Machado. A construção sociológica da juventude - alguns contributos. *Análise Social*, vol. XXV (105-106), 1990 (1.º, 2.º), 139-165.

WASELFISZ, Julio Jacobo. *O “Mapa da Violência 2011 – Anatomia dos Homicídios no Brasil, no período de 2002 a 2010”*. Instituto Sangari. São Paulo. 2011.

SACRAMENTO. Mônica. *Jovens Negros, Jovens Negras: participação militante em organizações anti-racistas*. Anais do XXVIII Congresso Internacional da ALAS. 6 a 11 de setembro de 2011, UFPE, Recife-PE.

SOUZA, Celina. *Políticas públicas: uma revisão da literatura*. Sociologias, Porto Alegre, n. 16, dezembro 2006.